

Five Nights at Freddy's

PAVORES DE FAZBEAR

1

MERGULHO NA
ESCURIDÃO



intrínseca

SCOTT CAWTHON

ELLEY COOPER

Five Nights at Freddy's

PAVORES DE FAZBEAR

1

MERGULHO NA ESCURIDÃO

SCOTT CAWTHON
ELLEY COOPER

TRADUÇÃO DE JANA BIANCHI



Copyright © 2020 by Scott Cawthon. Todos os direitos reservados.

Os versos de Elizabeth Barret Browning, na página 155, são de tradução de Leonardo Frões, Rocco, 2012.

TÍTULO ORIGINAL

Into the Pit

REVISÃO

Marcela Ramos

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Betsy Peterschmidt

ARTE DE CAPA

LadyFiszi

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

VINHETA ESTÁTICA DE TV

© Klikk / Dreamstime

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C376m

Cawthon, Scott, 1978-

Mergulho na escuridão / Scott Cawthon, Elley Cooper ; tradução Jana Bianchi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

192 p. ; 21 cm. (Five nights at Freddy's : pavores de fazbear ; 1)

Tradução de: Into the pit

ISBN 978-85-510-0680-1

1. Contos americanos. I. Cooper, Elley. II. Bianchi, Jana. III.

Título. IV. Série.

24-87794

CDD: 813

CDU: 82-34(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 - Barra da Tijuca

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Mergulho na escuridão . ?
Ser bonita 67
Contar os modos . . . 131

MERGULHO NA ESCURIDÃO

— O gambá morto continua lá — comentou Oswald.

Pela janela do passageiro, ele fitava o cadáver peludo e cinzento esparramado ao lado da estrada. O bicho parecia ainda mais morto que na véspera. As chuvas da noite anterior também não tinham ajudado.

— Nada parece mais morto que um gambá morto — disse o pai de Oswald.

— Só esta cidade — murmurou o garoto, olhando para as fachadas e vitrines fechadas com tábuas. Os mostruários não mostravam nada além de pó.

— O que você disse? — perguntou o pai.

Ele já estava vestindo o colete vermelho ridículo que era obrigado a usar para trabalhar no balcão da delicatessen Lanche Legal. Oswald gostaria que ele só colocasse o colete depois de deixá-lo na escola.

— Esta cidade — repetiu Oswald, mais alto. — Esta cidade parece mais morta que um gambá morto.

O pai riu.

— Bom, taí uma verdade que não dá para negar.

Três anos antes, quando Oswald tinha sete anos, até havia o que fazer por ali: um cinema, uma loja de jogos e uma sorveteria com casquinhas deliciosas. Só que a usina siderúrgica tinha fechado. A usina era basicamente a única razão para a cidade existir. O pai de Oswald perdera o emprego, assim como pais e mães de centenas de outras crianças. Várias famílias haviam se mudado para longe — inclusive a do melhor amigo de Oswald, Ben.

Já a do garoto ficara porque a mãe tinha um emprego estável no hospital e eles não queriam morar longe da avó. O pai acabara conseguindo um trabalho de meio período no Lanche Legal, que pagava cinco dólares por hora a menos do que ele

recebia na usina. Então, Oswald assistia ao declínio da cidade. Os comércios tinham fechado um após o outro, como um corpo moribundo tendo falência múltipla dos órgãos, porque ninguém mais tinha dinheiro para filmes ou jogos ou casquinhas deliciosas.

— E aí, empolgado com o último dia de aula? — perguntou o pai.

Era uma das perguntas que adultos sempre faziam, tipo “Como foi seu dia?” e “Já escovou os dentes?”.

— Acho que sim — respondeu Oswald, dando de ombros. — Mas não tem nada para fazer agora que o Ben foi embora. A escola é um saco, mas ficar em casa é um saco também.

— Quando eu tinha uns dez anos, só voltava para casa nas férias depois que me chamavam para jantar — lembrou o pai. — Eu andava de bicicleta, jogava beisebol e me metia em todo tipo de confusão.

— Está dizendo que eu deveria me meter em confusão?

— Não, estou dizendo que deveria *se divertir* — disse o pai, se juntando à fila de carros que paravam diante do Colégio Westbrook para deixar os alunos.

Se divertir. Ele falava como se fosse tão fácil...

Oswald passou pelos portões da escola e deu de cara com Dylan Cooper, a última pessoa que queria ver. Mas aparentemente Oswald era a primeira pessoa que Dylan queria ver, porque o garoto abriu um sorriso imenso. Dylan era o menino mais alto do sexto ano e gostava de se agigantar diante de suas vítimas.

— Olha aí se não é Oswald, a Oncinha! — exclamou ele, o sorriso ficando ainda mais largo.

— Você não cansa dessa piada, hein? — retrucou Oswald, passando por Dylan e ficando aliviado quando viu que o valentão não o seguira.

Quando Oswald e os colegas eram mais novos, um dos canais infantis passava um desenho animado com uma oncinha cor-de-rosa chamada Oswald. Por causa disso, Dylan e seus amigos começaram a chamar o garoto de “Oswald, a Oncinha” no primeiro dia do jardim de infância e nunca mais pararam. Dylan era o tipo de criança que implicava com qualquer coisa diferente. Se não tivesse sido o nome de Oswald, teriam sido suas sardas ou sua franja.

Os apelidos tinham piorado naquele ano porque, na aula de história dos Estados Unidos, haviam aprendido que o homem que atirara em John F. Kennedy se chamava Lee Harvey Oswald. Oswald preferia ser uma oncinha a um assassino.

Como aquele era o último dia de aula, ninguém sequer tentou ensinar ou aprender alguma coisa. A sra. Meecham anunciou no dia anterior que os alunos poderiam trazer aparelhos eletrônicos, contanto que assumissem a responsabilidade caso algum item fosse perdido ou quebrado. Isso significava que não haveria qualquer atividade educacional.

Oswald não tinha aparelhos eletrônicos modernos. Até havia um notebook em casa, mas a família inteira o dividia, e o garoto não tinha autorização de levá-lo para a escola. Ele também tinha um celular, mas era o modelo mais lamentável e desatualizado da face da Terra, e ele jamais pegaria aquele telefone patético em público, porque qualquer pessoa que o visse tiraria sarro. Assim, enquanto outros alunos jogavam nos tablets ou consoles portáteis, Oswald esperava o dia passar.

Quando ficar sem fazer nada se tornou insuportável, ele pegou um caderno e um lápis e começou a desenhar. Não era o melhor artista do mundo, mas conseguia criar imagens identificáveis e gostava do estilo cartunesco do seu traço. O melhor de desenhar, porém, era que dava para mergulhar na atividade. Era como se Oswald entrasse no papel e virasse parte da cena que estava criando; um escapismo muito bem-vindo.

Ele não sabia o motivo, mas andava desenhando vários animais mecânicos: ursos, coelhos e pássaros. Imaginava as criaturas em tamanho humano, se movendo com os sacolejos dos robôs de filmes antigos de ficção científica. Eram peludas por fora, mas a pelagem cobria um esqueleto de metal rígido com engrenagens e circuitos elétricos. Às vezes, ele desenhava os animais com todo o esqueleto metálico exposto ou com a pelagem falhada, revelando parte do mecanismo interno. Isso criava um efeito meio assustador, como ver o crânio de alguém por baixo da pele.

Oswald estava tão imerso nos desenhos que tomou um susto quando a sra. Meecham apagou as luzes para passar um filme. Filmes pareciam ser o último ato de desespero dos professores no dia antes das férias: uma forma de manter as crianças consideravelmente quietas por uma hora e meia antes de liberá-las para o verão. Na opinião de Oswald, o filme que a sra. Meecham escolhera era infantil demais para uma turma de sexto ano. Era sobre uma fazenda com animais falantes, e ele já havia assistido, mas assistiu de novo — afinal de contas, o que mais tinha para fazer?

No recreio, os alunos ficaram jogando uma bola de um lado para o outro enquanto conversavam sobre o que iam fazer nas férias.

- Vou para um acampamento de futebol.
- Vou para um acampamento de basquete.
- Vou curtir a piscina do clube do meu bairro.
- Vou visitar os meus avós na Flórida.

Oswald ficou sentado num banco, só escutando. Para ele, não haveria acampamentos, clubes com piscina nem viagens, porque sua família não tinha dinheiro. Ele só desenharia, jogaria os velhos videogames que já havia zerado mil vezes e talvez ficasse um pouco na biblioteca.

Se Ben ainda morasse lá, tudo seria diferente. Mesmo que restassem apenas as mesmas coisas de sempre, os dois passariam o tempo juntos. E Ben sempre fazia Oswald rir, zoando personagens de videogame ou imitando igualzinho algum professor da escola. Os dois se divertiam com qualquer coisa. Mas agora Oswald tinha pela frente um verão inteiro sem Ben, imenso e vazio.

Na maioria dos dias, a mãe de Oswald trabalhava do meio-dia à meia-noite, então era o pai que fazia o jantar. Em geral, comiam comida congelada, como lasanha ou torta de frango, ou então frios e salada de batata da delicatessen em que o pai trabalhava, itens que ainda dava para comer mas não para vender. Quando o pai cozinhava, geralmente eram coisas que só envolviam ferver água.

Enquanto o pai preparava o jantar, a função de Oswald era alimentar Jinx, a gata preta mimada da família. Para o garoto, abrir a lata de comida fedida de gato exigia a mesma habilidade culinária que os jantares do pai.

Naquela noite, os dois se sentaram diante de pratos de macarrão com molho de queijo de caixinha e um pouco de milho enlatado que o pai tinha aquecido rapidinho no micro-ondas. Era uma refeição bem amarela.

— Então, eu estava pensando... — começou o pai, enchendo o macarrão de ketchup (*Por que ele faz isso?*, pensou Oswald). — Sei que você já é grandinho o bastante para ficar em casa sozinho, mas não gosto da ideia de te deixar sem companhia o dia inteiro enquanto sua mãe e eu trabalhamos. Então você podia pegar uma carona comigo de manhã para eu te deixar na biblioteca. Que tal? Lá você pode ler, navegar na internet...

Oswald não podia deixar aquela passar. O pai dizia umas coisas tão vergonhosas.

— Ninguém mais fala “navegar na internet”, pai.

— Fala sim, ué... Acabei de falar. — Ele abocanhou uma garfada de macarrão. — *Enfim*, acho que você podia passar as manhãs na biblioteca. Quando ficar com fome, pode ir até a Pizzaria Jeff's comprar uma fatia e um refri, e depois te pego quando meu turno acabar, às três.

Oswald considerou a ideia por um instante. A Pizzaria Jeff's era meio esquisita. Não suja, mas caindo aos pedaços. O vinil dos assentos tinha sido remendado com fita adesiva, e algumas letras de plástico haviam caído do cardápio acima do balcão. Os sabores agora incluíam *pep eron* e *cala resa*. Era nítido que a pizzaria já tinha sido muito maior e melhor. Havia vários metros de espaço sem uso e diversas tomadas inúteis nas paredes. Além disso, num canto do salão tinha um pequeno palco, onde ninguém se apresentava — nem mesmo em noites de karaokê.

Era um estabelecimento estranho: triste e muito diferente de antigamente, como o resto da cidade.

Dito isso, a pizza até que era boa... e, mais importante, era a única que dava para comer na cidade além das pizzas congeladas da Lanche Legal. Os poucos bons restaurantes locais, incluindo a Pizzaria Gino's e a Pizzaria Marco's (que, ao contrário da Jeff's, tinham pizzaiolos com nomes autênticos) haviam fechado logo depois que a usina encerrou as atividades.

— Então você vai me dar dinheiro para a pizza? — perguntou Oswald.

Desde que o pai perdera o emprego, a mesada de Oswald tinha sido reduzida a quase nada.

O pai sorriu. Um sorriso meio triste, pensou o garoto.

— Filho, a gente está apertado de grana, mas não a ponto de não ter três e cinquenta para uma fatia de pizza e um refri por dia.

— Então beleza — respondeu Oswald.

Era difícil recusar uma pizza cheia de queijo quentinho e derretido.

Como não tinha aula no dia seguinte (e não teria por um bom tempo), Oswald ficou acordado até tarde, assistindo a um velho filme de monstro japonês, com Jinx ronronando em seu colo. Oswald já tinha visto vários filmes B de terror japonês, mas aquele — *Zendrelix vs. Mechazendrelix* — era novo para ele. Como sempre, *Zendrelix* era uma espécie de dragão imenso, mas *Mechazendrelix* lembrava os animais mecânicos sem pelagem que Oswald desenhava. Ele morreu de rir dos efeitos especiais — o trem que *Zendrelix* destruía era claramente um brinquedo — e de como os movimentos labiais dos atores não batiam com a dublagem em inglês. Ainda assim, Oswald

se pegou torcendo por Zendrelis. Mesmo que o dragão fosse só um cara com uma fantasia de borracha, conseguia exibir muita personalidade.

Mais tarde, na cama, o garoto tentou listar as coisas boas em sua vida. Ben não estava mais lá, mas ainda havia os filmes de monstro, a biblioteca e as fatias de pizza no almoço. Era melhor do que nada, mas não seria suficiente para ocupar todo o verão. *Por favor*, desejou ele, de olhos bem fechados. *Por favor, que alguma coisa interessante aconteça.*

Oswald acordou sentindo o aroma de café e bacon. Não fazia questão do café, mas o cheiro do bacon estava maravilhoso. Tomar café da manhã significava passar um tempinho com a mãe. Em geral, era a única oportunidade de estarem juntos durante a semana. Após uma parada necessária no banheiro, ele disparou pelo corredor em direção à cozinha.

— Olha só! Meu quase aluno do sétimo ano acordou! — exclamou a mãe de Oswald.

Ela estava parada diante do fogão, usando seu roupão rosa felpudo, com o cabelo loiro preso num rabo de cavalo, virando na frigideira... Eram panquecas? Nham.

— Oi, mãe.

Ela abriu os braços e anunciou:

— Exijo um abraço de bom-dia.

Oswald suspirou como se estivesse de saco cheio, mas deu o abraço. Que engraçado... Para o pai, ele sempre dizia que já estava crescendo demais para abraços, mas nunca recusava os afagos da mãe. Talvez fosse porque quase não a via, enquanto

passava tanto tempo com o pai que às vezes davam nos nervos um do outro.

O garoto sabia que a mãe se sentia mal por ter que trabalhar tanto e que morria de saudade dele — mas também sabia que, como o emprego do pai na Lanche Legal era de meio período, os plantões da mãe eram responsáveis por pagar boa parte das contas. Ela sempre dizia que a vida adulta era uma batalha entre tempo e dinheiro: quanto mais dinheiro se ganhava para cobrir o custo de vida, menos tempo se tinha para passar com a família. Era um equilíbrio complicado.

Oswald se sentou à mesa da cozinha e agradeceu quando a mãe serviu suco de laranja para ele.

— Primeiro dia das férias de verão, hein? — comentou ela, voltando para o fogão e pegando uma panqueca com a espátula.

— Aham.

O garoto provavelmente deveria tentar parecer mais entusiasmado, mas não conseguiu reunir energia para isso.

Ela colocou a panqueca no prato do filho e depois acrescentou duas fatias de bacon.

— Não é a mesma coisa sem o Ben, né? — perguntou a mãe.

Oswald negou com a cabeça. Não queria chorar.

A mãe bagunçou o cabelo dele.

— Eu sei. É uma pena. Mas, ei, quem sabe um amigo novo se muda para a cidade?

Ele encarou a expressão esperançosa da mãe e disparou:

— Por que alguém viria para cá?

— Certo — disse ela, empilhando outra panqueca sobre a primeira. — Nunca se sabe. Ou talvez já tenha alguém legal morando aqui. Alguém que você ainda nem conhece.

— Talvez, mas duvido. Ah, as panquecas estão uma delícia.

A mãe bagunçou o cabelo dele de novo.

— Bom, é uma das minhas especialidades. Quer mais bacon?
Se quiser, melhor pegar antes que seu pai chegue e devore tudo.

— Quero, sim.

Era uma regra pessoal de Oswald nunca recusar bacon.

A biblioteca até que era divertida. Ele encontrou o novo livro de uma série de ficção científica de que gostava e um mangá que parecia interessante. Como sempre, precisou esperar um tempão para usar os computadores porque estavam ocupados por pessoas que não tinham onde ficar, homens com barbas desgrenhadas usando roupas esfarrapadas e mulheres magras demais com olhos tristes e dentes podres. Ele esperou sua vez educadamente, sabendo que algumas daquelas pessoas se abrigavam na biblioteca durante o dia e depois passavam a noite na rua.

A Pizzaria Jeff's continuava tão esquisita quanto ele lembrava. O grande espaço vazio além dos assentos acolchoados e das mesas comuns parecia uma pista de dança onde ninguém dançava. As paredes eram pintadas de amarelo-claro, mas deviam ter usado tinta barata ou dado só uma demão, porque as silhuetas da pintura anterior ainda eram visíveis. Provavelmente tinha sido um mural com pessoas ou animais, mas agora as imagens não passavam de vultos atrás de um véu fino de tinta amarelada. Às vezes, Oswald tentava decifrá-las, mas estavam borradas demais.

Também havia o palco que nunca era usado. Ficava ali, vazio, parecendo aguardar por alguma coisa. No entanto, algo ainda

mais esquisito jazia largado no canto direito do salão. Era um grande cercado retangular, com uma rede amarela ao redor. A área estava isolada, e uma placa dizia PROIBIDO USAR. O cercado estava cheio de bolinhas vermelhas, azuis e verdes que provavelmente tiveram cores mais vibrantes no passado, mas agora se encontravam desbotadas e cheias de poeira.

Oswald sabia que piscinas de bolinhas tinham sido populares em parquinhos, mas quase desapareceram por questões de higiene — afinal de contas, quem desinfetaria bolinha por bolinha? O garoto tinha certeza de que, mesmo se aquelas piscinas ainda fossem populares quando ele era pequeno, a mãe jamais o deixaria entrar. Como enfermeira, ela nunca hesitava em apontar quais lugares tinham micro-organismos demais para se brincar. Quando Oswald reclamava que nunca podia se divertir, a mãe dizia: “Sabe o que não é nada divertido? Conjuntivite.”

Além do palco vazio e da piscina de bolinhas, a coisa mais esquisita na Pizzaria Jeff’s era o próprio Jeff. Ele parecia ser o único funcionário ali, então pegava os pedidos no balcão e também preparava as pizzas. Como o lugar nunca enchia, aquilo não chegava a ser um problema. Naquele dia, como em todos os outros, Jeff tinha cara de quem estava uma semana sem dormir. Seu cabelo escuro estava todo arrepiado, e os olhos injetados de sangue tinham olheiras preocupantes. O avental estava cheio de manchas de molho de tomate, tanto recentes quanto antigas.

— O que vai pedir? — perguntou ele para Oswald, entediado.

— Uma fatia de pizza de muçarela e um refrigerante de laranja, por favor.

Jeff encarou o nada, como se estivesse julgando se o pedido era razoável. Enfim falou:

— Beleza. Fica três e cinquenta.

Uma coisa Oswald tinha que admitir: as fatias de pizza ali eram imensas, servidas em pratos de papel molengos que logo ficavam manchados de gordura, e a ponta do triângulo de pizza sempre ultrapassava a borda.

Com sua comida e seu refrigerante, Oswald se acomodou num dos assentos acolchoados. A primeira mordida — na ponta da fatia — era sempre a melhor. A proporção de todos os sabores naquele bocado específico era perfeita. Ele saboreou o queijo derretido, a acidez do molho e a massa agradavelmente gordurosa.

Enquanto comia, espiou os poucos clientes. Dois mecânicos da oficina tinham dobrado fatias sabor pepperoni e comiam como se fossem sanduíches. Em outra mesa, vários executivos atacavam a comida desajeitadamente com garfos e facas de plástico. Devia ser para não derrubar molho nas gravatas e camisas, imaginou Oswald.

Depois que terminou a pizza, o garoto teve vontade de pedir mais uma. Mas sabia que não tinha dinheiro, então limpou os dedos gordurosos e pegou o livro da biblioteca. Ficou lendo enquanto bebericava o refrigerante de laranja, imerso num mundo onde crianças com poderes secretos iam para uma escola especial aprender a lutar contra o mal.

Uma voz de homem fez Oswald voltar a si.

— Ei, moleque.

Ele ergueu o olhar e viu Jeff com seu avental sujo de molho. Oswald supôs que já tinha abusado da boa vontade do dono da pizzaria, permanecendo na mesa por mais tempo do que era bem-vindo. Havia ficado lendo por duas horas depois de ter pagado menos de quatro dólares pela refeição.

— Pois não, senhor? — falou Oswald, porque ser educado nunca era demais.

— Sobraram algumas fatias de pizza de muçarela que não venderam no almoço. Quer?

— Ah. Não, obrigado. Não tenho mais dinheiro.

Mas bem que queria.

— É por conta da casa — explicou Jeff. — Eu ia ter que jogar fora de qualquer jeito.

— Ah, então eu quero. Obrigado.

Jeff recolheu o copo vazio de Oswald.

— Vou aproveitar e trazer um pouco mais de refri de laranja.

— Valeu.

Era curioso como a expressão do homem nunca mudava: ele parecia cansado e triste mesmo quando estava sendo superlegal.

Jeff trouxe duas fatias empilhadas num pratinho de papel junto com outro copo cheio de refrigerante de laranja.

— Pronto, garoto — disse ele, colocando tudo na mesa.

— Muito obrigado.

O garoto considerou por um instante que Jeff poderia estar sentindo pena dele. Talvez imaginasse que Oswald fosse absurdamente pobre, como as pessoas em situação de rua que passavam o dia na biblioteca, em vez de pobre do tipo cuja família mal conseguia pagar as contas.

Mas então Oswald pensou que, quando havia pizza de graça na sua frente, talvez não fosse hora de questionar os motivos. Talvez fosse hora de comer.

Assim, devorou as duas fatias imensas sem pestanejar. Fazia cerca de um mês que o apetite dele andava voraz. Uma vez, enquanto cozinhava pilhas de panqueca para ele de manhã, a mãe disse que o garoto devia estar em fase de crescimento, comendo como se fosse um saco sem fundo.

O celular de Oswald vibrou no bolso no instante em que ele deu o último gole no refrigerante. Viu a mensagem do pai: **Chego na Jeffs em 2 min.**

Bem na hora. Tinha sido um bom dia.

Os dias na biblioteca e na Pizzaria Jeff's começaram a se misturar. As primeiras semanas tinham sido ótimas, mas agora a biblioteca não tinha mais o próximo livro da série que Oswald estava lendo. Além disso, o garoto estava farto de seu jogo de fantasia on-line — que, embora fosse anunciado como gratuito, só o deixava avançar para o próximo nível se pagasse. Oswald se cansara de não ter outras crianças da sua idade com quem brincar. Ainda não tinha se cansado de pizza, mas achava que isso aconteceria em breve.

Mais tarde, teriam uma Noite de Diversão em Família, um evento semanal que variava de dia, dependendo da escala de folgas da mãe. Quando a usina ainda estava funcionando, as Noites de Diversão em Família incluíam jantar num restaurante — pizza, comida chinesa ou comida mexicana. Depois da refeição, os três iam se divertir um pouco. Iam ao cinema se

estivesse passando algum filme infantil; caso contrário, jogavam boliche ou andavam de patins no rinkue que o pai e a mãe frequentavam na adolescência, quando eram namorados. Os dois patinavam muito bem. Oswald era péssimo, mas os pais andavam ao lado dele, segurando suas mãos para que não perdesse o equilíbrio. Geralmente terminavam a noite com uma casquinha na sorveteria do centro da cidade. Oswald e a mãe pegavam no pé do pai porque, de todos os sabores disponíveis, ele sempre escolhia baunilha.

Depois do fechamento da usina, porém, a Noite de Diversão em Família passou a ser dentro de casa. A mãe de Oswald preparava um jantar festivo mas prático, como tacos semiprontos ou cachorros-quentes. Eles comiam e jogavam jogos de tabuleiro ou assistiam a filmes que pegavam no quiosque de locação de DVDs. Ainda era divertido, claro, mas às vezes Oswald queria voltar para os velhos tempos, quando viam filmes no cinema e depois tomavam casquinha. Nesses momentos, o pai precisava lembrar ao filho que O Importante Era Estarem Juntos.

Às vezes, quando o clima estava agradável, decidiam ter uma Noite de Diversão em Família ao ar livre. Embalavam um piquenique composto de frios e saladas, cortesia da Lanche Legal, e iam até o parque. Jantavam numa mesa de madeira e ficavam olhando os esquilos, pássaros e guaxinins. Depois, davam uma volta numa das trilhas de caminhada. Os passeios eram uma mudança bem-vinda, mas Oswald sabia por que aquele era o único tipo de Noite de Diversão em Família fora de casa: piqueniques eram gratuitos.

Naquela noite, eles não iam sair. A mãe de Oswald tinha preparado espaguete e pão de alho. Jogaram uma partida de *Dete-*

tive, que ela venceu, como sempre, e ficaram largados de pijama no sofá com um balde enorme de pipoca entre eles, assistindo à nova versão de um filme antigo de ficção científica.

Depois que acabou, o pai anunciou:

— Gostei, mas não chega aos pés do filme de verdade.

— Como assim, “do filme de verdade”? — perguntou Oswald. — Nós acabamos de ver um filme de verdade.

— Você entendeu o que eu quis dizer — retrucou o pai. — Quer dizer, se passa no mesmo universo que o original, mas é só uma cópia barata do filme que vi quando eu era criança.

O pai sempre precisava ter opinião sobre tudo. Era incapaz de simplesmente assistir a algo e aproveitar.

— Quer dizer que os melhores filmes são sempre os que você via quando era criança? — perguntou Oswald.

— Não sempre... Mas nesse caso, sim.

Oswald notou que o pai já estava se preparando para uma de suas coisas favoritas: uma boa discussão.

— Mas os efeitos especiais da versão original são uma porcaria — argumentou Oswald. — Cheio de bonecos e máscaras de borracha.

— Prefiro um boneco ou modelo em escala reduzida do que aquelas imagens de computação gráfica — disse o pai, se reclinando no sofá e apoiando os pés na mesa de centro. — Ô coisa falsa e esquisita... Não tem calor, não tem textura. Além disso, você gosta daqueles filmes velhos do Zendrelix, que têm uns efeitos especiais péssimos.

— Sim, mas só assisto para tirar sarro deles — rebateu Oswald, embora achasse o Zendrelix bem legal.

A mãe trouxe potinhos de sorvete da cozinha. Não era tão bom quanto as casquinhas da sorveteria, mas também não era nada a se desprezar.

— Certo, meninos. Se não pararem de discutir nerdices, eu é que vou escolher o próximo filme. E vai ser uma *comédia romântica*.

Os dois se calaram na mesma hora.

— Bem que eu imaginei — falou a mãe, distribuindo os potes de sorvete.

Nova série do fenômeno *Five Nights at Freddy's* traz contos inéditos e arrepiantes que extrapolam o universo do videogame que conquistou milhões de fãs no mundo todo

Seja nos videogames de sucesso, no filme recorde de bilheteria ou nos livros best-sellers, criaturas perigosas rondam a famosa rede de pizzarias Freddy Fazbear's e ameaçam a vida de quem cruza seu caminho. Os contos da nova série *Pavores de Fazbear* trazem personagens nunca vistos, além de pistas sobre os maiores mistérios do universo de *Five Nights at Freddy's*.

Um urso animatrônico avança todo o seu arsenal de crueldades. Oswald só quer se divertir nas férias de verão. Entediado, o menino decide entrar numa piscina interdita — e acaba indo parar no passado, nos dias de glória da Pizzeria Freddy Fazbear's. Quando retorna ao presente, um coelho maligno também sai da escuridão da piscina para assombrar a

cidade continua repleta de criaturas estranhas, eventos inexplicáveis e crimes sem solução. Pouco a pouco os contos interligados da série *Pavores de Fazbear* revelam novas pistas sobre os maiores mistérios do universo de *Five Nights at Freddy's*, mas a

Sarah está disposta a tudo para ser feliz. Certo dia, ela encontra uma linda boneca de metal e a leva para casa, brava por ter sido resgatada, a misteriosa robô se oferece para realizar o desejo de Sarah. Desde que a menina nunca, nunca lhe desobedeça... *Five Nights at Freddy's*...

Neste volume, Oswald, Sarah e Millie estão prestes a descobrir que, para realizar seus maiores desejos, precisarão pagar um preço alto e escuro. Quando a garota decide se esconder da família, encontra um urso animatrônico com sede de sangue...

Unindo mistério, terror, ação e, claro, animatrônicos assassinos, *Mergulho na escuridão* explora os medos mais profundos de três jovens solitários e vai surpreender até o fã mais corajoso de *Five Nights at Freddy's*. O livro conta ainda com a primeira parte da história "Aparição de Sutura", que acompanha a investigação policial sobre uma criatura perturbadora. No fim da série, uma nova parte da trama é revelada.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/mergulho-na-escuridao/>

